

# AXIS VERTENTES

Ano IV · Edição VI  
JUNHO / 2021



*Os novos espaços de  
evangelização  
no mundo com pandemia*

*Revisão das Obras*

*Administração dos bens temporais  
nos Institutos de vida consagrada:  
um serviço eclesial*

# Editorial

Ainda em tempos de pandemia, vacinados ou não, boa parte da população mundial, em especial, a mais vulnerável, continua envolta em incertezas humanas agravadas pela crise sanitária. Sendo assim, e ainda com enorme parcela da população brasileira e mundial sem um imunizante, cabe-nos centrar, com vitalidade, esforços na prática evangélica de defesa de um mundo provido de justiça e com recursos essenciais acessíveis a todos, nossos irmãos e irmãs. É compromissado com o próximo e, cristãmente orientados pelo versículo “àquele a quem muito se deu, muito será pedido” (LC, 12-48) é que, cada um de nós, deve ficar atento à responsabilidade de bem gerir, em prol da vida, os bens e os encargos que nos foram, pessoal ou institucionalmente, confiados.

Na conseqüente escalada de necessárias reinvenções e novos olhares, é que o Grupo Axis tem, cada vez mais, atuado próximo às entidades eclesiais, tanto no Brasil, quanto no exterior, como suporte técnico às decisões que, na maioria dos casos, clamam por ações devidamente discernidas e embasadas tecnicamente. Imbuídos deste compromisso, apresentamos mais uma edição da revista Vertentes, uma publicação especializada que se propõe a ser uma referência no suporte às dimensões estratégicas e gerenciais do segmento religioso católico.

Nesta edição, são apresentadas questões gerenciais que tratam do convite que o Santo Papa e diversos Governos Gerais fazem aos entes eclesiais quanto à necessidade urgente de revisão das obras. Nessa trilha, com a propriedade de ser partícipe de um instituto religioso e, há alguns anos residindo na Itália, uma das articulistas destaca a necessidade de uma administração, para o bem da Igreja, que seja escrupulosa, responsável e que simbolize, dentre outras questões, um testemunho de coerência e desapego. Também numa vertente de “oxigenação pessoal e organizacional” são apresentados argumentos consistentes quanto à possibilidade de as entidades católicas, pensando num provimento futuro, realizarem investimentos responsáveis e ou de impacto socioambiental, sem abrir mão dos seus fins evangélicos.

Na consciência dolorosa do desafio pandêmico, um dos articulistas, e representante do clero, apresenta esperanças para que não sigamos, sem critérios, a

“onda de soluções”, mas que sejamos capazes, “de forma cristã, ética e responsável, de encontrar meios para comunicar a fé e tornar Cristo vivo e presente através de nós e nossas ações”.

Quanto às recentes mudanças realizadas pelo Sumo Pontífice na estrutura e legislação da Igreja, destacam-se dois artigos provocadores. O primeiro, a partir do reconhecimento do Ministério da Catequese, propõe que esse seja um instrumento motivador, para atração de novos membros às diversas pastorais e, especialmente, para aspirantes à vida sacerdotal e ou à vida religiosa consagrada. O segundo baseia-se nas mudanças ocorridas no Código de Direito Canônico, quanto às sanções na igreja, destacando que “não há misericórdia sem correção”.

Numa visão, para alguns, até pouco tempo, dita como futurista, um dos artigos aborda a *blockchain*, tecnologia disruptiva que trará mudanças significativas a inúmeras operações do nosso dia a dia. A presente edição da Vertentes traz, ainda, um artigo acerca das comemorações, em 2021, dos 700 anos da morte do poeta Dante Alighieri, conhecido como o “poeta universal”, linguista, político e “pai” da língua italiana, idioma oficial da igreja e estudado por inúmeros religiosos, religiosas e membros do clero.

No sincero intuito de continuarmos contribuindo com reflexões para auxiliar no discernimento, bem como trazendo soluções e alternativas para os entes eclesiais, lhes desejamos uma boa leitura!





Fonte PIXABAY: Arquitetura Sustentável.

## INVESTIMENTOS FINANCEIROS NO MUNDO COM PANDEMIA



Por Ricardo Borges<sup>1</sup>

*Inspirados pelo Papa Francisco que nos instiga a “oxigenar” a nós mesmos e às nossas instituições, com novas ideias e novos paradigmas, a pandemia deve ser entendida como uma oportunidade para os investimentos financeiros serem pensados de uma forma diferente e, agora mais do que nunca, com mais responsabilidade social. Estamos vivendo um momento difícil de nossa história. Infelizmente a ciência não está sendo valorizada como deveria, e o negacionismo e a desinformação criaram um ambiente perfeito para a disseminação do vírus da Covid e o surgimento de novas cepas, aumentando a transmissão e a gravidade dos casos. A pandemia tornou-se uma oportunidade de rever nossos conceitos e atitudes. Espero que possamos evoluir como sociedade, mudar a forma como interagimos com as pessoas, com a natureza, enfim com o nosso planeta, e sejamos mais responsáveis socialmente.*

---

1 - Administrador de Empresas; Consultor Estratégico com foco na área de Gestão de Patrimônio



“Francisco vai, repara a minha casa que, como vês, está em ruínas”. Estas foram as palavras que moveram o jovem Francisco, tornando-se um apelo especial a cada um de nós.<sup>2</sup>

O Papa Francisco lançou uma semente com a Economia de Francisco e seus questionamentos. “A gravidade da situação atual, que a pandemia da Covid expôs de forma ainda mais evidente, exige uma conscientização responsável de todos os atores sociais, entre os quais você tem um papel primordial: os efeitos de nossas ações e decisões afetam você pessoalmente. Portanto, você não pode ficar fora dos lugares que estão moldando o presente e o futuro. Você é parte deles ou a história vai deixar você passar.”<sup>3</sup>

“Que tipo de mundo queremos deixar para os que virão depois de nós, para as nossas crianças que estão crescendo agora?” (LS 160)<sup>4</sup> “O evento de Assis nasceu com o objetivo de criar uma nova economia mundial. Uma economia que seja justa, próspera e ambientalmente sustentável.”<sup>5</sup>

“Nós precisamos de uma nova economia, uma nova visão. O Papa Francisco, na encíclica *Laudato Si*, nos ajudou a criar os caminhos para um mundo melhor, mais feliz, sustentável e ético”.<sup>6</sup>

“Estudo e pratico economia há mais de 48 anos (1972). Demorou muito para eu perceber o quanto estava errado o que me ensinaram”. “O Papa Francisco tem nos chamado para reconstruir os fundamentos não apenas da economia, mas como pensamos sobre economia e como ela é ensinada nas universidades”.<sup>7</sup>

Da mesma forma que o Papa Francisco fala sobre uma nova economia, uma nova visão, o mesmo vale para os investimentos financeiros de nossas instituições. Precisamos investir de uma nova forma, sermos mais ativos, conscientes e socialmente responsáveis. “A Gestão Patrimonial Financeira eficiente não sufoca o Carisma da nossa Instituição”.<sup>8</sup> Muito pelo contrário, a gestão eficiente do patrimônio é uma das atribuições dos nossos gestores.

**“É tempo da Igreja liderar pelo exemplo!”**

(Papa Francisco)

<sup>2</sup> - Papa Francisco

<sup>3</sup> - Papa Francisco

<sup>4</sup> - Papa Francisco

<sup>5</sup> - Jeffrey Sachs

<sup>6</sup> - Jeffrey Sachs

<sup>7</sup> - Jeffrey Sachs

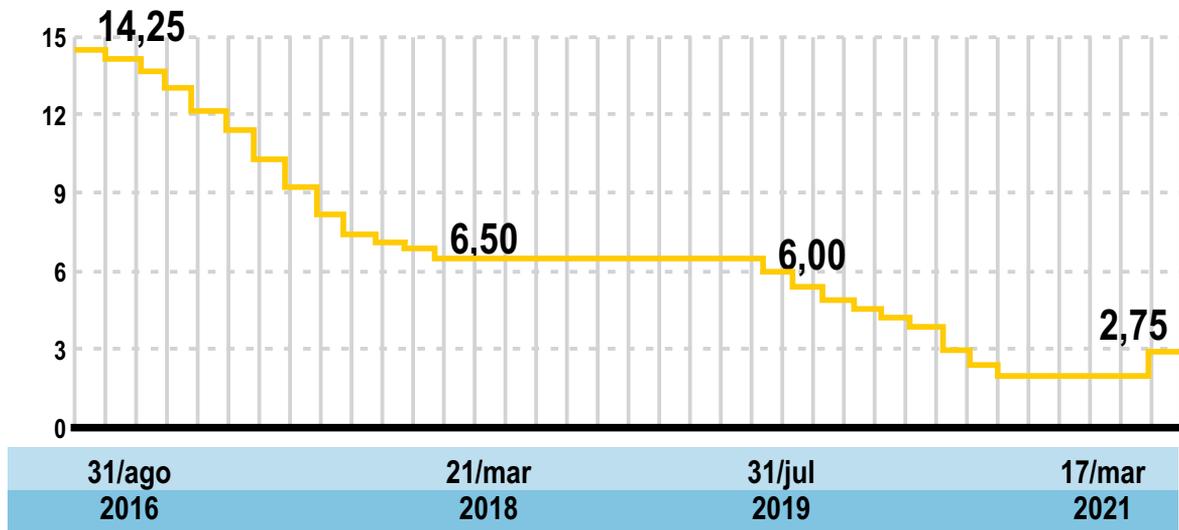
<sup>8</sup> - Marcio Moreira, Axis instituto

Considerando este olhar, a seguir vamos iluminar algumas premissas importantes:

Em relação ao cenário de taxa básica de juros, na última década houve uma redução importante da SELIC, que afetou diretamente a remuneração do patrimônio de nossas instituições, chegando a 2% a.a. em 2020. Agora estamos iniciando um ciclo de alta, porém ainda assim historicamente com patamar baixo de juros.

## Evolução da taxa Selic

Nas datas de reunião - em % ao ano



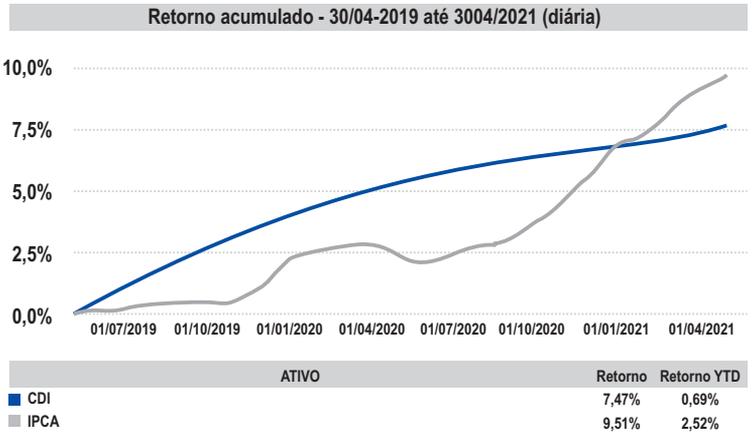
Fonte: Banco Central. Elaboração: Valor Data.

**Gráfico 1: ilustra a queda da taxa básica de juros SELIC.**

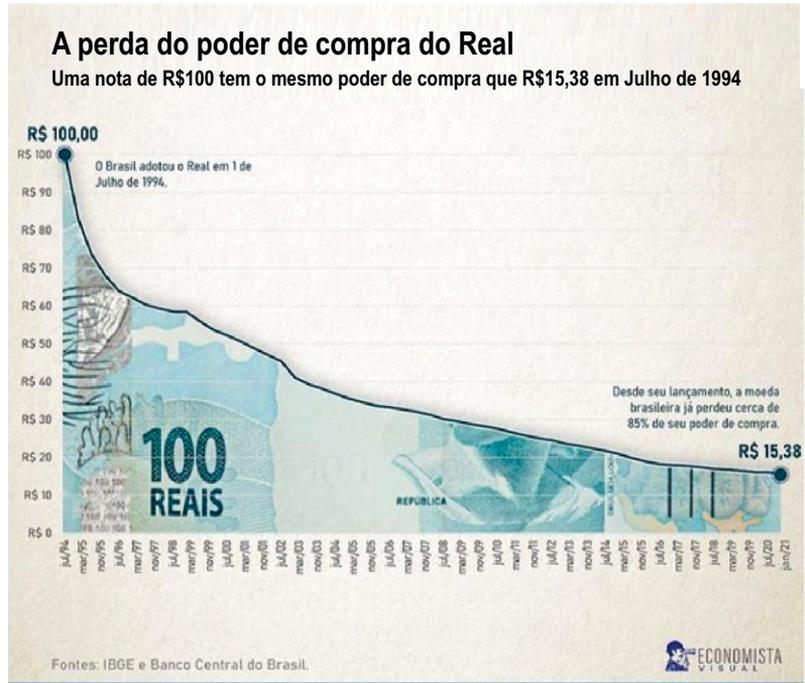
Acabamos nos acostumando com juros altos, retornos elevados e risco baixo. Não era necessário muita informação e conhecimentos de gestão financeiros. Isto tornou-se prejudicial, pois não havia a necessidade de buscar alternativas, ou seja, diversificar os investimentos.

Hoje nos vemos diante de uma situação interessante: juros baixos com inflação, gerando rendimento nominal negativo nas aplicações de renda fixa. Apesar das recentes altas dos juros em 2021, esta não deve retornar aos patamares de 2016, impactando a preservação do patrimônio.

**GRÁFICO**



**Gráfico 2:** retorno acumulado do CDI e IPCA desde 2019. Observamos o impacto dos juros baixos e inflação sobre o retorno líquido dos investimentos em renda fixa.



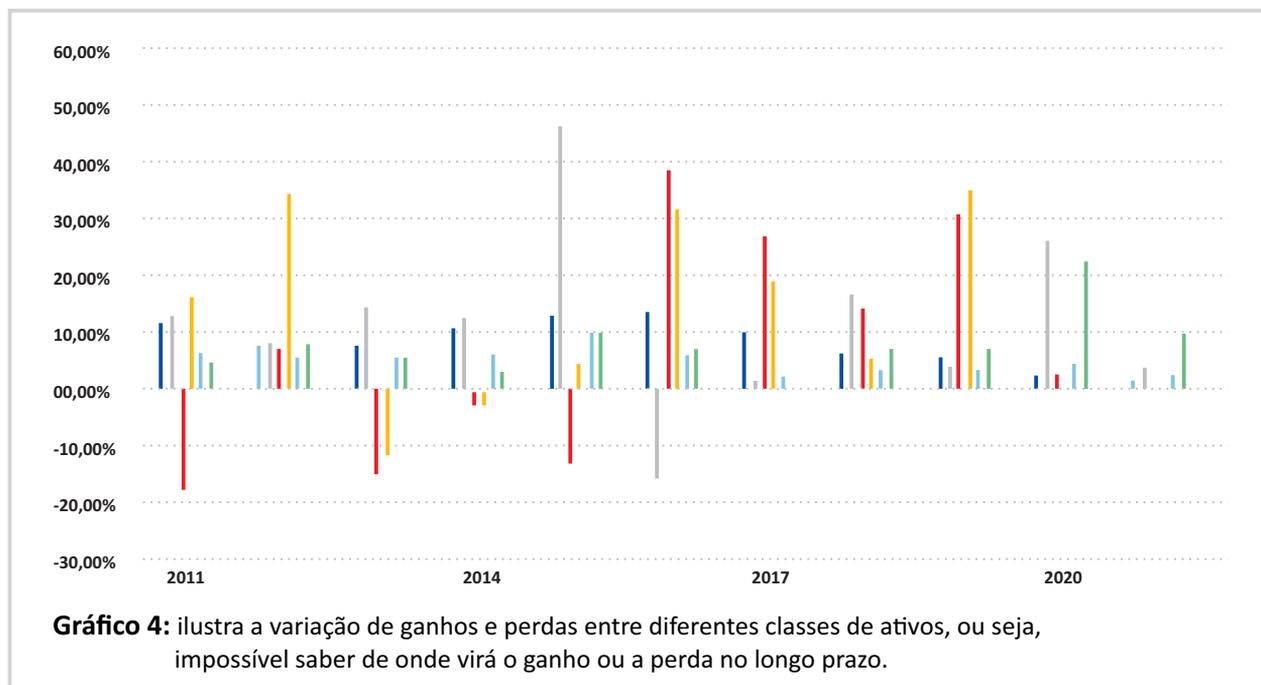
**Gráfico 3:** perda do poder aquisitivo do Real de jul./94 a Jan/21.

Os gráficos 2 e 3 mostram como a inflação afeta o retorno dos investimentos de renda fixa, e o poder de consumo do Real.

Diante deste cenário, a única alternativa para a gestão patrimonial é a diversificação em outras classes de ativos disponíveis no mercado financeiro, como instituições católicas, já o fazem nos EUA, Europa e Ásia, com segurança e foco no longo prazo.

		Retorno anual de 2011 até 2021 (diária)			
Ativo	Retorno	Retorno YTD*	Mínimo	Máximo	
CDI	139,85 %	0,69 %	0,69 %	14,00 %	
Dólar	224,31 %	3,98 %	-16,54 %	47,01 %	
Ibovespa	71,55 %	-0,10 %	-18,11 %	38,94 %	
IFIX (imobiliário)	186,12 %	-0,31 %	-12,63 %	35,98 %	
IPCA	78,38 %	2,52 %	2,52 %	10,67 %	
IGP-M	128,12 %	9,89 %	-0,52 %	23,14 %	

Gráfico 4: tabela.



Todos os portfólios de investimento estão sujeitos às incertezas dos mercados ao longo do tempo. Isto acontece pois existem mudanças de cenário macroeconômico, de gestores e do próprio cliente. Então torna-se impossível saber de onde virá o ganho ou a perda. Isto pode ser verificado através do gráfico 4, aonde são apresentadas a variação de ganhos e perdas entre os diferentes índices das principais classes de ativos e suas amplitudes. Por isto a importância da ciência na gestão

de patrimônio, utilizando-se de ferramentas para fazer análises de cenários para entender os possíveis resultados dessas mudanças. Estas ferramentas envolvem a geração de um grande número de dados obtidos aleatoriamente a partir de diferentes distribuições de probabilidades, levando-se em conta os parâmetros escolhidos. Através desse método (Monte Carlo), são feitas simulações para saber quais possíveis cenários têm maiores chances de acontecer.

A principal conclusão da ciência é que temos que diversificar entre diferentes classes de ativos pois não conseguimos prever de onde virá o ganho/perda, então a concentração em poucos ativos é uma decisão arriscada para a preservação do patrimônio no longo prazo.

Entendida a importância da diversificação, é fundamental que a diversificação seja feita com responsabilidade social. O impacto gerado pela Covid é um sinal de que nosso sistema econômico e planeta estão em conflito. Somam-se a isso as mudanças climáticas, que podem causar impactos ainda maiores. Imaginem que desafiador seria viver em um mundo cada vez mais quente, menor e com mais gente.

Como comunidade católica, temos inúmeras maneiras de atuar positivamente, liderando pelo exemplo como dito pelo Papa Francisco. Consumir de forma mais consciente é uma alternativa. Investir de maneira responsável, percebe-se hoje, é o único caminho para transformar nossa realidade e escolher o mundo que você quer. Hoje é possível investirmos levando em consideração as pessoas, o planeta e a maneira pela qual as empresas se comportam.

Até outro dia, ninguém perguntava para seu gerente do banco de que forma o retorno de um determinado investimento havia sido atingido. Poucos procuravam saber se as empresas que se beneficiavam, em última

instância, de seu capital, desmatavam ilegalmente, maltratavam ou exploravam seus colaboradores, poluíam nossos rios, mares e entorno, ou como se portavam em relação aos seus acionistas e demais *stakeholders*. Não importavam os conflitos de interesses, a falta de transparência, a ausência de diversidade. Bastava ter o melhor retorno com o “menor” nível de risco.

**“Maximize o retorno do acionista”  
diz a doutrina ensinada nas principais  
universidades do mundo. A que custo?**

Esse cenário está mudando rapidamente. O ano de 2020 começou com o Fórum Econômico Mundial em Davos falando de como o capitalismo de *stakeholders* pode resolver os desafios globais mais urgentes; e com a divulgação da “Carta aos CEOs” pelo fundador, *chairman* e CEO da *BlackRock*, Larry Fink, abordando esse mesmo tema. Investimentos sustentáveis somam atualmente mais de US\$ 30 trilhões, de acordo com o relatório do GSIA (*Global Sustainable Investment Alliance*). Mais de 2.300 investidores em todo mundo já aderiram aos Princípios para o Investimento Responsável da ONU, o que representa US\$ 86 trilhões em ativos. Isso não parece ser apenas mais uma moda ou tendência passageira, mas uma revolução. Precisamos nos juntar a este movimento e sermos protagonistas.



Existem inúmeras formas de investimento, que vão desde a filantropia a investimentos responsáveis (normalmente relacionados à sigla ASG – Ambiental, Social e Governança, em inglês ESG), investimentos de impacto, até o investimento tradicional.

Abaixo descrevo cada uma delas:



Fonte: Bridges Ventures. Sustainable & Impact Investment – How we define the market. 2012; MSCI. ESG in Wealth Management. 2018.

Filantropia é uma doação para uma instituição social ou projeto filantrópico. Neste caso, não se espera nenhum retorno financeiro, apenas o impacto social ou ambiental gerado. Além de pessoas físicas, famílias e empresas, os *Endowments* (Fundos Patrimoniais – recentemente regulamentados no Brasil) doam para uma determinada causa. É importante ressaltar aqui que fundos de investimento que doam parte de sua taxa de administração para uma causa estão fazendo filantropia, e isto não é suficiente para serem considerados fundos de investimento de impacto socioambiental.

O investimento baseado em filtros positivos ou negativos exclui ou seleciona investimentos de acordo com as preferências éticas, religiosas, filosóficas, políticas e/ou individuais do investidor. Um dos movimentos mais representativos desse tipo de investimento é o Portfólio Restrito (em inglês, *Negative Screening*), uma estratégia de investimento que exclui do portfólio setores e companhias que impactam negativamente a sociedade e o meio ambiente, como tabaco, mineração, petróleo, álcool e armas, por exemplo.

Investimento Responsável é uma estratégia de investimento que reconhece explicitamente a relevância de fatores ambientais, sociais e de governança corporativa (representados pela sigla ASG, em português, ou ESG, em inglês) na análise, tomada de decisão e performance de investimentos. Este divide-se em duas abordagens principais:

**1. Ativismo Acionário**, que se baseia no uso do poder dos acionistas para influenciar o comportamento da empresa no que tange à abordagem ASG, o que vai desde o engajamento nos órgãos societários da companhia até o exercício do poder de voto;

**2. Integração ASG**, que leva em consideração fatores ambientais, sociais e de governança na análise e tomada de decisão de investimentos, com o objetivo de melhorar os retornos ajustados ao risco no longo prazo. Empresas de qualquer setor podem ser avaliadas sob a ótica ASG, do financeiro ao óleo e gás, sendo que os investidores responsáveis focam em setores e empresas que apresentam alto desempenho nos fatores ASG.



Especialista em  
**Entidades Profissionais e Terceiro Setor**

- **Pontualidade e precisão** nos prazos
- Atuação **preventiva** e pró-ativa
- **Presença** junto ao cliente
- **Expertise** no segmento religioso e filantrópico



Contábil



Fiscal



SPED



Trabalhista e Previdenciária



Prestação de contas aos Órgãos Públicos

Consulte-nos.

[laborumcontabilidade.com.br](http://laborumcontabilidade.com.br)

No Brasil essa abordagem está crescendo. Algumas gestoras de recursos tradicionais já vêm incluindo o ASG como um critério de avaliação de risco. A publicação da Resolução 4.661/2018 do Conselho Monetário Nacional (CMN), que dispõe sobre as diretrizes de aplicação dos recursos de fundos de pensão, determinou que, sempre que possível, estes deverão considerar na análise de riscos os “aspectos relacionados à sustentabilidade econômica, ambiental, social e de governança dos investimentos”. Isso acabou estimulando a integração ASG por mais gestoras brasileiras.

Para ser considerado um Fundo de Impacto Socioambiental, o gestor deve investir em empresas que intencionalmente buscam gerar retorno financeiro e impacto social e/ou ambiental positivo. E, neste caso, o impacto social ou ambiental deve ser medido. Os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODSs) são o foco qualitativo desses negócios que buscam encontrar soluções financeiramente sustentáveis para os maiores desafios do mundo. Segundo o último relatório do GIIN (*Global Impact Investing Network*), US\$502 bilhões já estão alocados em investimentos de impacto no mundo; desses, US\$36 bilhões na América Latina. Em geral, investimentos de impacto costumam resolver problemas sociais ou ambientais e precisam de escala para obter retornos financeiros. Neste sentido, o Brasil pode ser considerado um mar de oportunidades para este tipo de negócio. É possível investir em negócios de impacto socioambiental por meio de fundos de investimento de *venture capital* ou *private equity*, que investem diretamente no capital das empresas. Alternativamente, há alguns ativos de crédito surgindo, como FIDCs, *debêntures* sociais, entre outros.

Além disso, é importante mencionar os *Green Bonds* (Títulos Verdes) que são títulos de renda fixa utilizados na captação de recursos para implantar ou refinar projetos e ativos que tenham atributos positivos do ponto de vista ambiental ou climático. No mundo, a emissão de *Green Bonds* chegou a US\$182 bilhões em 2019 e, no Brasil, segundo a Febraban, as emissões foram de US\$ 5 bilhões entre 2017 e 2019.

Quanto à rentabilidade, muitos acreditavam que para realizar investimentos responsáveis ou de impacto socioambiental seria necessário abrir mão de retornos. Estudos estão progressivamente comprovando que isso não é verdade. Mesmo que os céticos argumentem que não é possível chegar a grandes conclusões pois os períodos de análise não são tão longos ou porque certos critérios podem ser questionáveis, dada a potencial subjetividade da análise do impacto socioambiental, porém é inegável que em momentos de crise no mercado esses investimentos têm demonstrado um bom comportamento, diminuindo o risco da carteira.

Portanto, como cidadãos e instituições católicas temos que investir pensando em um mundo melhor, questionando nossos gestores sobre como as empresas que hoje compõem a nossa carteira se comportam em relação a seus *stakeholders*. Existem alternativas de investimentos sustentáveis.

Acredito que onde colocamos o nosso dinheiro é a expressão não só dos nossos valores, como também daquilo que desejamos que prospere.

*Vamos investir no futuro que desejamos!*

*Obs.: Artigo em colaboração com Fernanda Camargo, publicado no E-investidor em 05/06/2020.*



**Ricardo Borges**

*Administrador de Empresas pela FEA/USP; Consultor Estratégico com foco na área de Gestão de Patrimônio e atuação na originação de oportunidades estratégicas e soluções de problemas de instituições e famílias com propósitos diferenciados.*